

QUERER O QUE DEUS QUER

“Ninguém Me tira a vida, sou Eu que a dou livremente.” (Jo 10, 18)

De novo, Quaresma

É, de novo, Quaresma. E de novo, somos apanhados de surpresa: ainda agora era Natal! Como o tempo passa rápido! Sim, passa rápido... Num instante chegaremos à eternidade para celebrar a Páscoa sem fim!

A Quaresma é-nos oferecida para contemplarmos com especial atenção a Cruz do Salvador, procurando sintonizar o nosso coração com o Coração dilacerado de Jesus. Quem ama a sério, não fica de fora a assistir à dor do amado, antes se lança inteiro nela. Que pai ou mãe se afasta do hospital onde o filho está internado em estado grave? Durante a Quaresma, contemplamos o nosso Amado cravado na Cruz. Seremos capazes de nos entregar a divertimentos mundanos, a refeições abundantes, a confortos supérfluos, enquanto Jesus Se esvai em sangue por nosso amor? A oração, a esmola e o jejum não visam fazer de nós pessoas melhores, nem heróis do autodomínio. Aliás, nem sequer são *sobre* nós. São a resposta solidária de quem ama perante a dor do Amado. Não há nada de extraordinário nesse esforço por nos identificarmos com a dor de Jesus, como não há nada de extraordinário no esforço da mãe que quer permanecer junto do filho hospitalizado. O contrário é que seria de lamentar, como é de lamentar o desleixo moderno em relação à austeridade quaresmal, que procuramos subtilmente substituir por outro tipo de práticas menos exigentes.

Mas podemos ir um pouco mais longe... Na ânsia de nos identificarmos com o Crucificado, podemos, como Ele, *querer* o que nos é imposto como se nunca tivéssemos desejado outra coisa: ***“Ninguém Me tira a vida, sou Eu que a dou livremente.” (Jo 10, 18)*** Não se trata apenas de querer a oração, a esmola e o jejum, que escolhemos livremente, mas de *querer* a traição, a doença, a solidão, a frustração, o cansaço ou a desilusão - que não escolhemos - como Jesus *quis* a Cruz que O obrigaram a carregar.

Isto não significa que não vamos fazer tudo o que nos é possível para encontrar as soluções justas para os problemas que nos assolam. Pelo contrário! Mas façamo-lo, sem nunca perder de vista este “desejo” de amor, de nos identificarmos totalmente com o Amado. Duas histórias nos ajudam neste caminho:

O santo Job

A primeira surge bem no centro da Bíblia, e é um dos mais belos contos sapientais da literatura universal. Trata-se do Livro de Job. Reza a história que Deus permitiu a Satanás assolar Job com toda a espécie de males, retirando-lhe, um a um, todos os seus bens, dos filhos à saúde. Contudo, totalmente centrado no amor de Deus, Job não vacilou. E à sua mulher, que dele troçava, Job respondeu com uma pergunta: ***“Se recebemos os bens da mão de Deus, não aceitaremos também os males?” (Jb 2, 10)***

Nem Satanás, nem os homens, nem as imperfeições da Criação nos podem atingir sem que Deus o permita, pois Deus é-lhes infinitamente superior. E porque permitirá Deus que sejamos tentados por Satanás, magoados pelos homens, atacados por doenças ou desastres? A resposta é sempre a mesma, uma vez que Deus, que é Amor (1Jo 4, 8), não tem outra: porque nos ama. Não, nunca iremos entender aqui na Terra.

Como Job, aceitemos livremente o mal que nos acontece como um presente de Deus. E conseqüentemente, agradeçamo-lo como se agradece um presente: com entusiasmo, alegria e gratidão. Loucura? S. Paulo assegura-nos: **“Tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8, 28)**. E a Venerável Cornélia Connelly concluía: *“O único mal é o pecado, o único bem é Deus. Tudo o resto é relativo.”*

A Venerável Cornélia Connelly

A segunda história é precisamente a desta grande mulher (1809-1879), esposa, mãe e madre fundadora. Dizia ela: *“Aceita a cruz que o Senhor te envia, não a da tua imaginação.”* E ainda: *“O que tem de ser feito, tem de ser feito com todo o nosso empenho e alegria”*. Quando, como Job, perdeu um a um todos os seus bens – dos filhos à saúde – Cornélia recusou a amargura e cresceu em doçura. Quando a estrada por onde seguia foi cortada, Cornélia aprendeu a desejar um caminho que não escolhera. O que nós chamaríamos de maldição, Cornélia chamava de bênção. Enquanto fazia tudo o que podia para recuperar os filhos, que o marido raptara, Cornélia dizia: *“Se o Senhor assim quer, longe de mim não querer também esta cruz! Carregá-la-ei com alegria.”* Querendo só o que Deus queria, Cornélia foi plenamente livre e feliz.

Compromisso

A Quaresma está aí, e não há tempo a perder. Desejemos, por amor, práticas austeras de oração, caridade e jejum, porque seria escandaloso aproximarmo-nos da Cruz do Amado no conforto e na saciedade. Façamo-lo com a alegria de quem dá graças: **“Quando jejuares, unge a cabeça e lava o rosto.” (Mt 6, 17)** E desejemos, também por amor, a cruz que não escolhemos, como Ele fez: **“Ninguém Me tira a vida, sou Eu que a dou livremente.” (Jo 10, 18)** Já reparámos? A cruz esconde-se nas doenças dos filhos, dos pais ou do esposo, nos contratempos no trabalho, na resmunguice da família, na murmuração dos colegas ou vizinhos, no cansaço, no desgaste, no esforço para praticar a virtude e a observância quaresmal... Sabendo que o único mal é o pecado, acolhamos também a cruz que não escolhemos com a alegria de quem dá graças: *“Longe de mim não querer esta cruz!”* Abracemo-la como se a tivéssemos escolhido, em verdadeira liberdade interior. Sejamos capazes de a aproveitar para crescer na paciência, na humildade, na mansidão, na misericórdia e na alegria, como nos desafiam as Bem-aventuranças. Que belo exercício de santidade!